

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

KÉSIA DE SOUZA MIRANDA

**A INFLUÊNCIA DAS RELIGIOSIDADES NAS IDENTIDADES SEXUAIS DE
PESSOAS SURDAS: UM ESTUDO DE CASO**

RIO BRANCO

2024

KÉSIA DE SOUZA MIRANDA

**A INFLUÊNCIA DAS RELIGIOSIDADES NAS IDENTIDADES SEXUAIS DE
PESSOAS SURDAS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza

RIO BRANCO

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

M672i Miranda, Késia de Souza, 2002 -
A influência das religiosidades sexuais nas identidades sexuais
de pessoas surdas: um estudo de caso / Késia de Souza Miranda;
orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza. – 2024.
41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade
Federal do Acre, Centro de Educação Letras e Artes (CELA),
Curso de Licenciatura em Letras Libras. Rio Branco, 2024.
Inclui referências bibliográficas e eapêndice.

1. Religiosidade. 2. Surdez. 3. Sexualidade. I. Souza, Shelton
Lima de (orientador). II. Título.

CDD: 419

KÉSIA DE SOUZA MIRANDA

**A INFLUÊNCIA DAS RELIGIOSIDADES NAS IDENTIDADES SEXUAIS DE
PESSOAS SURDAS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras Libras, no Curso de Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 19 de março de 2024

Banca examinadora

Prof. Dr. Shelton Lima de Souza

Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva

RIO BRANCO

2024

À minha mãe, que sempre lutou e acreditou em mim. Sem ela não haveria concretização, nem razão. Mãe, é tudo por você e para você. Amo-te.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por minha vida. Por me cuidar e por me sustentar quando eu já não tinha mais forças, por me guiar e me dar sabedoria quando necessário.

À Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira, que foi pilar de sustentação em minha construção acadêmica. A ti devoto toda minha gratidão e admiração.

Ao Prof. Dr. Shelton Lima de Souza, que aceitou me orientar e mesmo em meio aos desafios deste trabalho, foi luz e aditou todo seu conhecimento.

À Profa. Dra. Rosane Garcia, por todo empenho que tornou possível e real esse trabalho.

À tradutora-intérprete de língua de sinais, Rosiene Ferreira dos Santos, por toda sua generosidade e empatia.

Aos entrevistados participantes, por aceitarem partilhar e contribuir com este trabalho.

A todos os docentes e discentes que, com nossas trocas, contribuíram para o meu crescimento.

Aos familiares e amigos que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e vibrando por cada conquista. Em especial à minha amiga Mel Silva, sem você nada seria possível.

“God knows, God knows I want to break free”

- Queen

RESUMO

Este trabalho aborda a complexa relação entre religiosidade e identidade sexual em pessoas surdas. Neste estudo, defendo que as crenças religiosas podem ter um impacto significativo nas experiências e na compreensão da sexualidade por parte dessas pessoas. A influência varia de acordo com as culturas e as crenças religiosas específicas, podendo ser tanto inclusiva quanto excludente. Dando ênfase aos desafios enfrentados pelas pessoas surdas, como barreiras de comunicação e falta de acesso a informações sobre sexualidade. A falta de educação sexual inclusiva e espaços seguros contribui para a complexidade da formação da identidade sexual das pessoas surdas. Entende-se que é fundamental promover a inclusão e aceitação das pessoas surdas em todas as esferas da sociedade, incluindo as religiosas pois vivemos em uma sociedade estruturalmente sincrética. Quanto à natureza, este trabalho se configura como sendo de pesquisa aplicada. Para a produção de dados para a pesquisa de campo, foi elaborado um questionário com perguntas específicas sobre religiosidade e identidade sexual. Esse questionário foi aplicado em forma de entrevista a dois surdos de forma presencial na Ufac (Universidade Federal do Acre), onde foi possível contar com o auxílio de um intérprete de Libras. A partir dessa proposta metodológica, observei, destacando o caráter deste trabalho, que as religiosidades são elementos importantes para a configuração sexual, no tocante às identidades sexuais, das pessoas surdas com as quais desenvolvi o estudo. Nesse sentido, os autores que embasaram esse trabalho foram: Vainfas (2014), Bento (2006), Endjso (2014), Guimaraes; Silva (2020), Soleman; Bousquat (2021), Costa (2021), Vaz (2003), INES (2022), Simões (2009), Zompero *et al* (2018).

Palavras-chave: Surdez. Sexualidades. Religiosidades.

ABSTRACT

This work addresses the complex relationship between religiosity and sexual identity in deaf people. In this study, I argue that religious beliefs can have a significant impact on these people's experiences and understanding of sexuality. Influence varies according to cultures and specific religious beliefs, and can be both inclusive and exclusionary. Emphasizing the challenges faced by deaf people, such as communication barriers and lack of access to information about sexuality. The lack of inclusive sexual education and safe spaces contributes to the complexity of deaf people's sexual identity formation. It is understood that it is essential to promote the inclusion and acceptance of deaf people in all spheres of society, including religious spheres, as we live in a structurally syncretic society. As for its nature, this work is considered applied research. To produce data for field research, a questionnaire was prepared with specific questions about religiosity and sexual identity. This questionnaire was applied in the form of an interview to two deaf people in person at Ufac (Federal University of Acre), where it was possible to count on the help of a Libras interpreter. From this methodological proposal, I observed, highlighting the nature of this work, that religiosities are important elements for the sexual configuration, in terms of sexual identities, of the deaf people with whom I developed the study. In this sense, the authors who supported this work were: Vainfas (2014), Bento (2006), Endjso (2014), Guimaraes; Silva (2020), Soleman; Bousquat (2021), Costa (2021), Vaz (2003), INES (2022), Simões (2009), Zompero et al (2018).

Keywords: Deafness. Sexuality. Religiosity

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE SEXUALIDADE.....	12
2.2	RELIGIÃO E SEXUALIDADE.....	16
2.3	PATRIARCADO, MISOGINIA E HETERONORMATIVIDADE – A FÉ COMO FORMA DE CONTROLE E PODER.....	19
2.4	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL E SURDEZ.....	23
3	METODOLOGIA.....	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICE.....	40

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A influência das religiosidades nas identidades sexuais de pessoas surdas é um assunto complexo e pouco explorado na literatura acadêmica. No entanto, estudos de caso têm demonstrado que as religiosidades podem ter um impacto significativo nas vivências e na compreensão das sexualidades por parte das pessoas surdas.

A relação entre religiosidades e identidade sexual nas comunidades surdas pode variar de acordo com as culturas e as crenças religiosas específicas. Em algumas tradições religiosas, a homossexualidade e outras identidades sexuais podem ser consideradas pecaminosas ou imorais, o que pode levar as pessoas surdas a sentirem vergonha ou culpa em relação à sua orientação sexual.

Por outro lado, existem comunidades religiosas que adotam uma visão mais inclusiva e acolhedora em relação à diversidade sexual, o que pode proporcionar um espaço seguro e de apoio para as pessoas surdas que se identificam como LGBTQIAPN+. Essas comunidades podem desempenhar um papel crucial no fortalecimento da autoestima e na redução do estigma e do preconceito enfrentados por indivíduos surdos em relação à sua identidade sexual.

Além disso, é importante considerar que as pessoas surdas podem ter experiências exclusivas em relação às religiosidades e às sexualidades devido às barreiras de comunicação e à falta de acesso a informações sobre sexualidade de forma adequada. A falta de acesso a informações pode levar ao desconhecimento sobre diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, o que pode complicar ainda mais a formação da identidade sexual de pessoas surdas.

Portanto, é fundamental que a sociedade, incluindo instituições religiosas, promova a inclusão e a aceitação das pessoas surdas, independentemente de sua orientação sexual. É necessário que se ofereça tanto a educação sexual de maneira inclusiva, quanto o acesso a espaços seguros em que a diversidade sexual seja respeitada e valorizada. Ao apoiar integralmente as pessoas surdas em suas sexualidades e crenças religiosas, poderemos construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos.

A problemática em questão é a influência das religiosidades nas identidades sexuais de pessoas surdas. Neste contexto, existe uma preocupação em entender como as crenças religiosas podem afetar a forma como as pessoas surdas se percebem e se aceitam em relação à sua orientação sexual.

As religiosidades desempenham um papel importante na vida de muitas pessoas, proporcionando significados e diretrizes morais nas comunidades em que as pessoas estão inseridas. No entanto, certas doutrinas religiosas podem ter visões rígidas e negativas em relação à homossexualidade, à bissexualidade ou a outras orientações sexuais e identidades de gênero, o que pode levar a uma negação da identidade sexual de pessoas surdas que também seguem essas religiões.

A pressão social e religiosa para se conformar aos padrões heteronormativos pode levar a sentimentos de culpa, de vergonha e de rejeição por parte das pessoas surdas que não se enquadram nessas expectativas. Isso pode ter consequências negativas à sua saúde mental e bem-estar geral das pessoas surdas e das pessoas em geral.

Além disso, a falta de acesso à informação sobre sexualidade e orientação sexual nas comunidades surdas pode contribuir para a perpetuação de preconceitos e estereótipos relacionados à diversidade sexual. A ausência de discussões abertas e inclusivas sobre essas questões nos espaços religiosos surdos pode reforçar a marginalização e a discriminação.

Portanto, é fundamental abordar essa problemática e promover a inclusão de pessoas surdas em todas as esferas da sociedade, incluindo a religião. Isso envolve estabelecer diálogos com líderes religiosos, com membros das comunidades surdas e com as pessoas surdas sobre as diversidades sexuais e a importância do respeito às identidades de gênero e orientação sexual de cada indivíduo.

Ademais, é necessário fornecer recursos e apoio adequados para pessoas surdas que enfrentam esses desafios, como grupos de apoio, intérpretes de língua de sinais em serviços religiosos e acesso a informações sobre diversidade sexual em formatos acessíveis, como vídeos com legendas ou materiais impressos em língua de sinais.

Ao enfrentar a problemática da influência das religiosidades nas identidades sexuais de pessoas surdas, é possível promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor, em que cada pessoa surda possa se sentir valorizada e respeitada em suas identidades sexuais, independentemente de suas crenças religiosas.

A complexa interação entre religiosidades e identidades sexuais é um tema de grande relevância nos estudos sobre a diversidade humana. No caso das pessoas surdas, essa interação se torna ainda mais significativa, uma vez que a surdez muitas

vezes é percebida como uma diferença em contextos religiosos e, para tal, muitos ensinamentos são entremeados ou inter-relacionados a doutrinas religiosas.

Nesse sentido, este estudo teve como objetivo analisar as possíveis influências dos aspectos socioreligiosos na orientação sexual de duas pessoas surdas na cidade de Rio Branco/AC. Sendo os objetivos específicos: discutir como as pessoas surdas se veem do ponto de vista da orientação sexual no tocante às suas identidades sexuais; problematizar as influências socioreligiosas sobre a formação das identidades sexuais de duas pessoas surdas participantes da pesquisa; discutir como as identidades sexuais das duas pessoas surdas participantes da pesquisa sofreram ou não interferências socioreligiosas sobre a produção de suas sexualidades.

Este trabalho foi motivado pela experiência pessoal da autora, que enfrentou discriminação e repressão de sua orientação sexual devido a preconceitos ideológicos e religiosos. Filha de pais pastores e criada em um ambiente profundamente enraizado nos preceitos da fé cristã, sempre estive imersa na atmosfera da igreja. No entanto, apesar do ambiente familiar e da comunidade religiosa, muitas vezes me vi em conflito interno, sentindo-me deslocada e incompreendida. Questionamentos sobre certas doutrinas e uma busca por aceitação genuína foram constantes em minha jornada, resultando em um processo de autorreflexão e indagação contínua.

Ao me envolver com a comunidade surda, conheci indivíduos que dissociavam as normas da heterossexualidade compulsória, daí comecei a vislumbrar novas perspectivas sobre identidade e aceitação. Ao testemunhar suas jornadas de autodescoberta e aceitação, fui instigada a refletir sobre minha própria jornada pessoal e as influências que moldaram minha percepção de identidade. Durante o decorrer do curso, em diversos momentos discutíamos o papel da linguagem na formação identitária, e foi aí que senti o desejo de explorar mais profundamente essas conexões e influências, voltando-me para identidades sexuais.

A igreja sempre exerceu e continua exercendo uma grande influência social, e no contexto dos surdos no Acre, a língua de sinais teve seu foco e interação nos movimentos religiosos. No caso do Acre, mais particularmente da cidade de Rio Branco, capital desse estado, muitos surdos tiveram os primeiros contatos com a língua de sinais e a comunidade de surdos locais na igreja de fundamento cristão. Ainda considerando que no Brasil, as religiões em maioria são de denominações cristãs.

A compreensão de que a língua é de extrema importância para o desenvolvimento humano leva à compreensão de que o ambiente em que alguém está inserido é importante para a sua formação social. Sabendo que as religiões cristãs geralmente pregam a rejeição da homossexualidade, é importante analisar como os indivíduos surdos, que tiveram contato com religiões cristãs, tiveram acesso a discursos sobre orientação e identidade de gênero e como eles podem ter sido influenciados em sua formação de identidade.

A motivação para esta pesquisa vem do fato de que este é um tema extremamente tabu, especialmente quando se trata de pessoas surdas e de pessoas com deficiência. Ao buscar trabalhos relacionados a gênero e sexualidade, percebe-se a falta de produções sobre esse tema no Brasil, especialmente na região norte e no estado do Acre. Além disso, há uma quase inexistência de textos sobre essa temática na área de Linguística.

A sexualidade é um aspecto fundamental da vida humana e sua compreensão é essencial para a promoção do bem-estar e da saúde emocional e psicológica. No entanto, quando se trata de pessoas surdas, a sexualidade pode ser um tema delicado, frequentemente marcado por desinformação, estigma e discriminação. É necessário discutir a relação entre sexualidade e surdez, destacando os desafios enfrentados por indivíduos surdos e a importância de uma abordagem inclusiva, para isso, serão destacados, ao longo deste trabalho, alguns eixos que serão debatidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção aborda as interseções entre surdez, sexualidades e religiosidades representando um campo de estudo complexo e multifacetado que explora as experiências e identidades das pessoas surdas em relação à sua orientação sexual, às suas identidades de gênero e crenças religiosas. Esse contexto teórico investiga como as perspectivas culturais, sociais e religiosas influenciam a vivência da surdez e a expressão da sexualidade nas diferentes comunidades surdas, bem como as formas como as religiões interpretam e respondem a essas questões.

2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE SEXUALIDADE

A sexualidade, embora tenha sido constantemente estudada nos últimos anos e ainda esteja sendo estudada, não é, como qualquer outro fenômeno, explicada de forma definitiva. O fenômeno midiático do tema e sua explicação exaustiva podem cometer o erro de pensar ou mesmo idealizar uma forma única de vivenciar a sexualidade, ou seja, que ela se baseie em um modelo estrutural ao qual os indivíduos devem se conformar.

Segundo Foucault (1995), o termo “sexualidade” apareceu pela primeira vez no século XIX e até então era utilizado como termo técnico em biologia e zoologia. Se você observar o desenvolvimento histórico da compreensão e vivência da sexualidade ao longo do tempo, verá que algumas pessoas a entendiam como uma expressão livre do desejo humano, mas houve outros que a colocaram sob restrições baseadas em tabus e tabus. preconceitos.

Por exemplo, na civilização grega a sexualidade era compreendida de forma livre, onde se aceitava o comportamento sexual fora dos cânones completamente padronizados, incluindo a aceitação explícita da homossexualidade como rito de iniciação (Vaz, 2003), na cultura grega clássica o masculino era o homem, a homossexualidade estava ativa como uma ação normal, desde que seja mantida dentro de parâmetros sociais claramente definidos. Idealmente, um relacionamento entre pessoas do mesmo sexo deveria ser entre um homem sem barba e um mentor mais velho.

A relação sexual entre um adulto e um jovem, ou a chamada pederastia (que hoje seria entendida como pedofilia) era considerada uma prática de iniciação em que

um homem mais velho com poder e conhecimento acrescentava a sua sabedoria e introduzia os meandros da república aos jovens em troca do consentimento e prazer dos jovens (Vaz, 2003).

A lei grega define critérios claramente definidos para práticas sexuais socialmente aceitáveis, e as pinturas que sobreviveram até hoje mostram que os papéis passivos e ativos numa relação homossexual eram bem definidos e não poderia haver por parte da pessoa passiva – jovem – algum tipo de ereção ou prazer (King, 1994). A homossexualidade inicial não estava tanto relacionada à ausência ou dependência do outro sexo, mas sua justificativa baseava-se na necessidade de definir uma diferença absoluta entre masculinidade e feminilidade (Santos, 1987).

O termo lésbica também aparece na civilização grega, relacionado à prática sexual de duas mulheres, desde a existência de Safo, que vivia na lendária ilha de Lesbos, onde as mulheres desfrutavam dos prazeres que lhes eram oferecidos. Apesar da homossexualidade ser bem aceita no contexto da transmissão de informações, o lesbianismo ainda é classificado como um escândalo (Costa, 2003).

Para os gregos, o sexo era apenas mais um ator em um de seus famosos coros teatrais, comentando ou prevendo a vida no palco, mas nunca competindo pelo personagem principal (Vaz, 2003). Enquanto o sexo e a sexualidade grega tinham um caráter instrumental, seja como rito de passagem ou como entrada nas complexidades do poder, que era acima de tudo uma forma de alcançar o prazer, os romanos rejeitavam a pederastia grega. Os romanos desaprovavam a pederastia grega, não porque se opusessem à satisfação sexual completa, mas porque desaprovavam a partilha do prazer com alguém que não era socialmente igual, o que era impossível para um jovem escravo fazer. Como aponta Vaz (2003), o desejo dos homens foi plenamente incentivado e aceito, mas os obstáculos foram encontrados apenas na nacionalidade da parceira.

Na cultura romana, a expressão masculina da sexualidade masculina era amplamente aceita porque as prostitutas ocupavam uma posição muito elevada na hierarquia social. Porém, no final do Império Romano, começaram a aparecer as primeiras manifestações de uma cultura de modéstia em oposição a uma cultura de hedonismo e sexualidade (Costa, 2003).

Por outro lado, com o cristianismo e os primeiros cristãos-novos, a sexualidade começou a ser vista como nociva, pecaminosa, que só adquiria sentido como forma de reprodução. As relações sexuais eram explicitamente proibidas em

diversas situações do cotidiano, como durante a menstruação da mulher, até quarenta dias após o nascimento dos filhos, durante a amamentação, durante a gravidez (Greenberg; Bruess; Muller, 1992).

Como sabemos, o papel dominante na experiência da sexualidade ao longo da Idade Média foi desempenhado pelas ações da Igreja, que incentivou a castidade e o celibato e estabeleceu padrões rígidos de moralidade e comportamento social. A ideia de busca pelo “eu” é completamente abandonada, o eu deve se entregar ou melhor, destruir-se diante do comportamento social e moral (Giddens, 1995).

As punições autoimpostas de certas pessoas não lhes permitiam mais provar sua lealdade a Deus e expiar seus pecados (Greenberg *et al.*, 1992). Segundo esses autores, emoções fortes como a luxúria e a paixão provavelmente se originaram de espíritos malignos, nos quais as mulheres desempenhavam um papel crucial e muitas vezes eram consideradas bruxas ou agentes do diabo, causando terríveis torturas e mortes.

Isso acontece apenas na segunda metade do século XVIII que começam mudanças sutis na população. Aparecem certos “segredos”, nomeadamente as “águas do aborto” e o “coito interrompido”, que impedem a procriação, limitam o número de filhos ou põem em causa um dos objetivos últimos do casamento, minando assim os alicerces da construção familiar. O comportamento sexual espontâneo não é mais inibido, embora as pessoas controlem discretamente suas vidas (Costa, 2003).

Apesar desta aparente maior abertura à sexualidade ou ao desejo sexual espontâneo, a homossexualidade é vista de forma muito negativa e os sentimentos homofóbicos aumentaram durante este século. Acredita-se também que a atividade sexual constante ou excessiva prejudicava a saúde e causava fraqueza física e consequências graves (Greenberg *et al.*, 1992). O século XIX, por outro lado, não trouxe muitas mudanças a esse panorama, porque a supressão da liberdade sexual em certas sociedades, como a Inglaterra, até aumentou quando o reinado da Rainha Vitória foi bastante opressivo em questões de costumes e liberdades pessoais.

Durante este reinado, a ideia era que os homens tivessem um desejo sexual natural e espontâneo, mas as mulheres estavam proibidas de todas as manifestações desta natureza. Da mesma forma, a ideia de que as crianças não tinham desejo

ou sentido de natureza sexual surgiu quando eram verdadeiramente assexuadas (Greenberg et al., 1992).

Apesar de toda esta opressão e sentimentos negativos sobre a sexualidade, ela permanece no século XIX e início do século XX, que a sexualidade e os comportamentos ditos “anormais”, nomeadamente a homossexualidade e a sodomia, foram objeto de tratados científicos que, segundo Giddens (1995), não tentaram eliminá-los, embora fossem apresentados como nocivos e anormais, mas possibilitou classificar o comportamento individual.

Então um personagem homossexual seria: passado, história, infância, caráter, estilo de vida. Nada sobre quem ela é escapa à sua sexualidade. Está em toda parte nele: o pano de fundo de todo o seu comportamento. É essencial nisso, não tanto como pecado habitual, mas como caráter singular (Ciniro, 2007).

Almeida (2003) argumenta que Foucault apresentou a homossexualidade como uma construção moderna porque os atos sexuais passados entre pessoas do mesmo sexo não foram catalogados ou identificados. Para este autor, o conceito de homossexual como tipo de personalidade reconhecível surgiu na segunda metade do século XIX e é essencialmente definido pelos mesmos atos sexuais. Assim passamos do sodomita como desvio temporário ao homossexual como espécie.

Segundo Castro (1974), estamos no início do século XX. XX, que a palavra sexualidade assume uma dimensão real, graças ao facto de desde então o fenómeno sexual ter passado a significar algo que acontece no início da vida de cada pessoa e não a partir de um momento específico da vida de uma pessoa – a puberdade.

A ideia atual de que a verdadeira revolução sexual ocorreu na década de 1960 com a revolução cultural que eclodiu em todos os países ditos desenvolvidos do Ocidente permeia as discussões sobre sexualidade. Contudo, o desenvolvimento da sexualidade deve ser colocado ao mesmo nível dos avanços da medicina, nomeadamente o aparecimento do primeiro preservativo de borracha vulcanizada no final do século XIX (1876), Movimentos de Libertação das Mulheres na América do Norte.

O ambiente vivido nas décadas de 60 e 70 possibilitou mudar a percepção que homens e mulheres tinham de si mesmos, de seus corpos, mas principalmente de seu comportamento e de sua liberdade sexual. Após essas décadas de desordem social, nada permaneceu igual, o status quo social foi quebrado, e o aumento na aceitação da diversidade e da experiência sexual, de acordo com o ritmo e estilo de

cada indivíduo, experimentou uma intensidade sem igual, levando a um padrão de fluxo.

Hoje em dia, a dualidade das normas de gênero masculino/feminino tende a desaparecer, as mulheres iniciam uma vida sexual e/ou uma vida sexual cada vez mais cedo. Muitas mulheres já têm vários parceiros sexuais antes do casamento e muitas mulheres também têm uma variedade de experiências sexuais durante o casamento (Fisher, 2001). Buscar o prazer deixou de ser prerrogativa de homens e mulheres, pois cada vez mais buscam o próprio prazer no contato sexual.

2.2 RELIGIÃO E SEXUALIDADE

Através de documentos históricos, reconhecemos a forte presença da religião na esfera da sexualidade, clipes e depoimentos revelam as enormes conexões entre religião e sexo ao longo do tempo. Neste contexto, o gênero é quase sempre apresentado como um problema a ser resolvido por orientações regulatórias, paliativas ou corretivas, com poucas exceções.

Em todas as sociedades humanas, a presença da religião e da sexualidade permeia, difunde significados e signos que produzem visões de mundo, representações multifacetadas e polimórficas de conceitos complexos. No Ocidente, reconhecemos nestes fenômenos inúmeras ligações com outros signos sociais, num jogo de contradições e inconsistências, onde os principais norteadores são o patriarcado, a misoginia e a heteronormatividade.

Reconhecemos o desenvolvimento contínuo de elementos normativos nas religiões em relação ao sexo, à alimentação, ao vestuário, ao trabalho e à regulação das relações sexuais, muitas vezes de forma desigual e excludente, principalmente entre as religiões monoteístas.

Endjso (2014) argumenta que a sociedade é extremamente louca por sexo na aparência (e na dinâmica) e que o gênero é apenas uma camada da verdadeira sexualidade. Neste sentido, a religião como fenômeno social também é obcecada pelo gênero e pela sexualidade, que costumam criar processos contraditórios, violentos, patológicos e discriminatórios.

A resistência ao sexo é uma marca do cristianismo, mesmo o casamento, única condição aceitável do sexo, num casamento heterossexual para fins de procriação, conforme relatado por Endjso (2014), não foi aceite como uma obrigação

até ao século XII, associado à união corporal de Cristo e da Igreja, embora alguns teólogos rejeitassem esse simbolismo durante séculos. Houve críticos conhecidos, como São Jerônimo, que condenaram a paixão excessiva entre os cônjuges.

Abstinência, cessação do sexo e do prazer seriam o melhor. O lugar dado ao sexo nas escrituras e nas histórias continua nesta direção, o sexo não é algo confiável, confortável, desejável pela necessidade de salvação do ponto de vista cristão. Vale ressaltar que, assim como a religião, o sexo permeia nossa historicidade porque está fortemente presente por meio da transgressão, e é palpável sua resistência aos modelos limitantes derivados da perspectiva sexófoba, androcêntrica e heteronormativa das religiões cristãs. Ao longo da história, foi delineado o choque de duas forças disruptivas e transformadoras.

O conhecimento da história é importante para compreender a evolução do gênero e da religião. Relatórios e notas gerais e eficazes sobre a sexualidade, por exemplo, na antropologia, na história e na sociologia, permitem-nos ver que todas as épocas têm registros de expressão e identidade sexual, orientação sexual e comportamento sexual pelos padrões, alguns desses trechos tratam do sexo no contexto da religião.

No caso da colonização da América Latina, identificamos muitos relatos sobre a sexualidade de grupos negros indígenas e escravizados. Muitos desses relatos são caracterizados por preconceitos, descrições moralistas e puritanas que denigrem a cultura, o conhecimento e as experiências sexuais desses grupos (Vainfas, 2014).

Sousa (*apud* Simões, 2009) descreve as práticas sexuais dos povos indígenas, enfatizando questões eróticas e condenando-as severamente. Os Tupinambá são tão lascivos que não há pecado de luxúria que eles não cometam. Gostam muito do pecado prejudicial, entre os quais não se consideram transgressores; e aquele que se usa como homem é considerado corajoso, e este animal é considerado uma conquista; e nas suas aldeias do interior há algumas que têm tendas públicas, e tantas que as desejam como mulheres públicas.

A avaliação negativa e a descrição moralista das experiências sexuais indígenas da comunidade portuguesa são notórias por rotular as experiências homossexuais como “animalistas”, desumanizando os terapeutas e construindo um caráter animalesco e inferior (Bento, 2006). Classificar as práticas sexuais como desumanas é uma forma eficaz de criar um significado negativo e controlar a sexualidade.

Além disso, segundo Gandavo apud Simões (2009), há a seguinte descrição das mulheres indígenas, que remete a uma expressão de gênero ou transexualidade diferente. Nessas regiões há mulheres indianas que juram e fazem votos de castidade, de modo que não se casarão nem conhecerão nenhum homem, nem consentirão nisso mesmo que matem. Estas mulheres abandonam todos os exercícios como as mulheres, cortam os cabelos como os homens, lutam e caçam com arco e flecha: numa palavra, estão sempre na companhia dos homens. E cada um tem uma esposa que o serve e o faz comer como se fossem casados.

Este registo mostra a diversidade de expressão e rejeição da identidade de gênero na procura de conformidade com as regras de gênero e definição heteronormativa. Esta crítica proclama a negação da autonomia, da subjetividade e da cultura porque não existe uma condição biológica que defina os papéis sociais e sexuais humanos. De acordo com Stearns (2010), os europeus também censuraram rapidamente uma forma indígena comum de identificar certos grupos de pessoas que adoptavam os atributos sexuais atribuídos ao sexo oposto, por vezes envolvendo-se em atividade homossexual ou, mais frequentemente, em atividade bissexual.

Assim, entendemos que determinados rótulos de gênero indígenas não eram rígidos, as possíveis condenações e limitações foram levadas em consideração. Mas sem generalizar, porque havia muitos grupos indígenas no Brasil, não está especificado a qual grupo esses relatórios se referem. A extensão, a persistência e a extensão da sexualidade, do discurso ideológico e religioso que fortaleceu, controlou, puniu, determinou o destino e o destino das pessoas, é um fato (Endjso, 2014). A Inquisição promoveu meios eficazes para isso através da estrutura legal e religiosa do martírio e do serviço da morte.

Outros documentos destacam relações homossexuais entre grupos inter-raciais que foram criticados no Brasil colonial. As questões da sexualidade também eram caracterizadas por uma divisão entre casta e classe social, o que apontava que falar sobre sexualidade não era apenas sobre sexo. Vejamos como Gandavo explica: Os colonos brancos [eram] os maiores alvos da Inquisição.

Observou-se que os brancos preferem manter relacionamento com mestiços. Nestes contextos homoeróticos-heterocromáticos, o início da relação nem sempre vem do homem branco dominante. Nas relações de sodomia inter-racial encontramos todo um continuum de interação, às vezes os brancos usam o poder e a arrogância da casta superior, às vezes as pessoas “de cor” encontram mil ferramentas para

serem donas do poder, pelo menos neste microuniverso diádico ditado pelo homoerotismo (Simões, 2009).

Com base no acima exposto, descobrimos que a sexualidade não é um assunto privado, mas está inserida em problemas políticos e económicos, pelo que a orientação sexual, a identidade sexual e o comportamento sexual são temas que são discutidos publicamente sem a cobertura da censura nua e crua, hipocrisia e inocência. Há muitas coisas em jogo para conter os prazeres carnavais. O discurso público visa preservar os direitos humanos, incluindo os direitos sexuais, como privilégios inalienáveis.

2.3 PATRIARCADO, MISOGINIA E HETERONORMATIVIDADE – A FÉ COMO FORMA DE CONTROLE E PODER

A cultura patriarcal é androcêntrica, seus princípios fundamentais são: a superioridade dos homens e a subordinação das mulheres. Assim o poder emana do homem, que é representado pela ideia de Deus, o senhor todo-poderoso, neste sistema opressor, a mulher está inegavelmente em dívida com o padre, o sacerdote, o marido, o universo masculino.

O patriarcado possui códigos pedagógicos que são reproduzidos e mantidos por escritas político-religiosas aprovadas pelas autoridades ocidentais (Vainfas, 2014). Isto se repete e se estabelece na discussão das principais doutrinas cristãs. Nos países católicos e protestantes, a defesa do casamento e da vida familiar está associada à apologia do patriarcado desde o século XVI. e sociabilidade conjugal, até os mínimos detalhes do dia a dia (Vainfas, 2014).

Nessa forma, fixa-se a regra, a norma básica para a prática da sexualidade, na família heteronormativa prevalece a permissão do sexo entre tantas outras possibilidades. Em História da Sexualidade I, Foucault (1999) descreve como, na era vitoriana, a sexualidade foi confiscada da família para formar um “casal legal e reprodutivo” que “obedece à lei”. Neste cenário, as relações humanas formadas na família são moldadas pela desigualdade; o poder, a ordem pertence ao homem, e a mulher nesse sentido é um objeto a ser treinado, controlado e controlado. Ele não pertence a si mesmo, mas ao seu pai, irmão, sacerdote, guardião.

Segundo Vainfas (2014), o patriarcado e a família casada nunca foram excluídos da estratégia de reformas e dos países europeus. As raízes do modelo de

família monárquica não são nada novas, mas estão enraizadas em tradições antigas e no direito romano - profundamente apreciado pelos juristas e humanistas contemporâneos da época - e nos conceitos de família judaico-cristãos. É por causa deste modelo que vemos a defesa obstinada da família heterossexual e a rejeição de todas as diferentes configurações familiares. A luta não é para proteger os afetos, os relacionamentos em suas infinitas manifestações, mas para preservar o status patriarcal e conjugal (família).

Buendía (2015), refere-se à natureza androcêntrica e patriarcal do catolicismo, enfatizando que a preocupação urgente da religião com a sexualidade mostra que os aspectos sexuais, especialmente o sexo, são uma área importante da vida humana. Nesta área, a biografia tem grande influência, especialmente no que diz respeito às mulheres e ao seu estatuto social e político. Portanto, a preocupação da religião com a sexualidade das mulheres não é infundada.

Em geral, as religiões, incluindo o catolicismo, são construídas em torno de princípios e pressupostos androcêntricos e patriarcais; isto é, desenvolvem princípios e valores que se relacionam com modelos e experiências masculinas. O androcentrismo reduz a humanidade à masculinidade e a vida das mulheres é considerada apêndice, secundária e periférica. O masculino é a norma e o feminino é o desvio (Buendía, 2015).

Neste fragmento revela-se a redescoberta da feminilidade, a negação da humanidade e a protagonista na mulher/mulheres. Protege a cidadania e a dignidade dos homens. Devido ao caráter androcêntrico, misógino e patriarcal da religião cristã, a trajetória da mulher estava condenada à subjugação. É a forma mais antiga e profunda de submissão, enfatizada pela fé, o véu da divindade.

Quanto à atitude negativa adicional das esposas do senhor cristão, Vainfas relata: Por causa da traição inerente às mulheres, os homens estão sempre em grande perigo antes do casamento e, especialmente, depois de não terem se submetido. E Vieira, por outro lado, diria que o mal da mulher começou com a tendência da mulher a sair de casa: "saindo e andando, ela deixou o marido Eva, e saindo e andando, ela deixou Deus", perdeu-se, ela, marido e seus filhos, "e o mundo inteiro" (2014).

Tais sermões, repletos de condenação da personagem feminina, reforçam a inimizade e a hostilidade entre os sexos, limitando a violência contra as mulheres que ainda existe. A violência contra as mulheres está enraizada na misoginia, que encontrou eco, com poucas exceções, no pensamento religioso cristão. Vemos essa

ginofobia no relatório apresentado por Vainfas, podemos imaginar a relação conflituosa das religiões cristãs com a feminilidade, o horror da genitália feminina e do sexo/prazer baseado na violência contra as mulheres, especialmente contra negros, transgêneros, lésbicas, analfabetos e pobres mulheres. Ressaltamos os aspectos defendidos pela teóloga Lilian Lira: se a religião pode e promove esta cultura violenta, também pode promover a sua demolição. Portanto, é imperativo apresentar e buscar alternativas para combater e superar a violência religiosa contra as mulheres (2014).

Com a expansão do debate em torno das questões de gênero, em parte devido às lutas feministas, levou ao interesse da investigação nas ciências sociais, tomou conta das redes sociais e do espaço político, assistimos ao tratamento do tema, por exemplo. As afirmações da autora deveriam repercutir nos espaços religiosos para dismantlar o discurso historicamente negativo sobre as mulheres. Embora o cristianismo tenha sido um terreno fértil para a misoginia e o patriarcado, devemos sublinhar que antes do cristianismo apareceu uma visão limitada das mulheres, juntamente com uma grande ignorância e desconhecimento do universo feminino, tal como se manifestava no pensamento antigo greco-romano, homens e mulheres teriam a mesma genitália; a mulher seria uma versão imperfeita do homem porque seus órgãos genitais seriam internos e invertidos, atrofiados.

No século XVIII, reconhecemos a noção de que os órgãos genitais femininos eram um pênis encolhido, e o útero passou a ser apreciado como matriz da vida, uma demolição, embora a sexualidade feminina fosse condicionada e limitada à maternidade, sem relação ou direito à prazer sexual. Foi nas igrejas cristãs que houve total apoio à resistência e à luta contra as mulheres.

No que diz respeito aos rótulos de gênero, é óbvio que a feminilidade não é uma prescrição social, o que explica a clara rejeição e humilhação das mulheres homossexuais. Eficiência é sinônimo de fraqueza. “Fraco como uma mulher” ainda é uma das definições do termo feminismo no dicionário. Esta desvalorização da feminilidade é apoiada pela heteronormatividade, porque o desejo homossexual, especialmente o desejo masculino, é mais rejeitado porque demonstra a rejeição de um estatuto social masculino, superior, heterossexual. A condenação é ainda maior quando o alvo é uma mulher, negra, pobre e analfabeta.

A lógica heteronormativa, definida segundo Butler (2000) pela linearidade da orientação gênero-sexual, afirma que os órgãos genitais confirmam o destino/gênero/objeto sexual e, assim, determinam o desejo sexual pelo sexo oposto.

É a crença de que o genótipo determina o desejo pelo sexo oposto, e a imposição da superioridade biológica sobre a cultural e psicológica se segue. Uma dialética tão bem reproduzida que consegue esconder o fato de que os corpos também se constituem através do discurso, da repetição de uma ordem heteronormativa e patriarcal.

Segundo esta lógica, se a subjetividade acabasse, não haveria espaço para outras estruturas subjetivas da sexualidade. Na heteronormatividade, todas as formas de vivenciar a sexualidade fora do modelo heterossexual e monogâmico devem ser destruídas, proibidas, removidas, canceladas. Aqui, segundo Caetano (2011), encontramos outra direção da heteronormatividade: a heteronormatividade está diretamente relacionada ao androcentrismo e à misoginia; Primeiro, porque apoia a ideia de controle masculino/masculino sobre o poder feminino/feminino, incluindo o que é produzido pelo e com o corpo feminino; em segundo lugar, porque ao exigirem que os homens governem e as mulheres sejam governadas, forçam as relações intrassistêmicas e reprodutivas a uma lógica binária.

Desta forma, compreendemos a relação inerente entre o patriarcado e a heteronormatividade, as duas leis que apoiam a misoginia e a exclusão social, as formas de poder mais importantes que devemos desmantelar. A este respeito Louro explica: Este modelo de poder masculino, denominado patriarcado, que se manifesta mais no machismo, ignorou as diferentes masculinidades e feminilidades, por isso é necessário retomar o princípio da igualdade, a primeira bandeira da história. feminismo, inovação. em relação ao respeito à diferença, que corporiza o que entendemos como igualdade (2014).

A heteronormatividade é, sem dúvida, um fenômeno repetido e repetido nos discursos pedagógicos e religiosos cristãos, cheio de limitações à sexualidade, reduzindo-a à reprodução da espécie, ao perigo de perecer e aos meios de salvação através da negação do prazer. Portanto, para obter a salvação e agradar a Deus, é necessário proibir de todas as formas a possibilidade de experimentar a sexualidade, exceto a heterossexualidade no âmbito do casamento (Endsjo, 2014). A necessidade da ajuda de Deus supera a necessidade de prazer. Portanto, não pode haver questionamento para não colocar em risco a ligação com o sagrado.

Paoliello (2013) fornece uma linha do tempo que revela o longo processo pelo qual passam as expressões de gênero que se desviam da heterossexualidade, revelando desde a demonização (Idade Média), a criminalização e a patologização

(século XIX), até que alguma sexualidade foi despatologizada (do final do século XX até a atualidade).

2.4 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL E SURDEZ

A surdez é caracterizada pela perda auditiva total ou parcial, que pode afetar a comunicação e a interação social. A criação da identidade de gênero é uma jornada complexa que pode ser afetada pela surdez. A linguagem e a comunicação podem atrapalhar a compreensão e a exploração da sexualidade. A construção da identidade de gênero e a surdez são dois aspectos complexos da vida humana que podem entrelaçar-se e influenciar-se mutuamente. A identidade de gênero refere-se a um sentido interno de quem uma pessoa é em relação ao seu gênero e orientação sexual, enquanto a surdez se refere à ausência ou perda total ou parcial da audição.

A identidade de gênero é um processo complexo que ocorre ao longo da vida de uma pessoa e pode ser influenciado por muitos fatores, incluindo a surdez. Ele afirma que a falta de capacidade de comunicação e informação sobre a sexualidade causada pela surdez pode dificultar o desenvolvimento da identidade sexual dos jovens surdos.

A formação da identidade de gênero e a surdez são processos complexos e inter-relacionados. A falta de conhecimentos e de competências de comunicação pode afetar o desenvolvimento da identidade de gênero das pessoas surdas. No entanto, a comunidade surda pode desempenhar um papel fundamental na criação de um ambiente convidativo e inclusivo onde as pessoas surdas possam explorar, afirmar e aceitar a sua sexualidade.

Nesse contexto, destaca-se um elemento importante para o povo, a sexualidade, expressão cultural construída historicamente por meio do aprendizado e da prática. Além de linguagens, rituais, performances e oportunidades de expressão, onde os corpos adquirem significado social e são moldados pelas relações e influências da sociedade. Não há informações sobre a sexualidade dos surdos, que se baseia em mitos e tabus que ameaçam o desenvolvimento desses sujeitos. Falta de conhecimento que aumenta a suscetibilidade ao abuso e distorce a percepção da imagem corporal. Ressalta-se que além dos aspectos biológicos, o corpo também é definido a partir das representações construídas pelo indivíduo (Guimaraes; Silva, 2020).

Ao longo da história a surdez foi abordada a partir de diferentes conceitos, segundo o conceito orgânico-biológico o conceito estaria relacionado à incapacidade de perceber sons, uma deficiência. Com base na ciência médica, o objetivo principal desta perspectiva é restaurar o sistema auditivo. O processo de habilitação e reabilitação tem como objetivo o desenvolvimento das habilidades auditivas e de fala, inclui diagnóstico, consultas e exames audiológicos, fonoaudiologia, fornecimento de aparelhos de amplificação sonora (AASI) individuais e cirurgia de implante coclear (Soleman; Bousquat, 2021).

Na antiguidade clássica (do século VIII a.C. ao século V d.C.) destacava-se a dualidade das ideias filosóficas: para Sócrates era possível utilizar a linguagem corporal como meio de expressão e comunicação. Já Aristóteles considerava a audição como o principal meio de aquisição de conhecimento, portanto o surdo seria incapaz (Lima; Rückert, 2020).

A compreensão aristotélica da deficiência auditiva das pessoas teve influência na Idade Média (séculos V-XV), quando o poder da igreja e as diversas restrições impostas aos surdos significavam comunhão, casamento, herança e uso da cidadania. Um cenário onde apenas pessoas de famílias nobres prestavam atenção, mas longe da convivência social. Uma das mudanças históricas no campo da educação de surdos ocorreu na França em 1750, quando o abade Charles Michel de l'Épée estudou língua de sinais com surdos em Paris e começou a usar o sistema de sinais no ensino após a criação da primeira escola para pessoas surdas no mundo, Instituto Nacional para Surdos e Mudos (Lima; Rückert, 2020).

Atualmente, a compreensão socioantropológica leva em conta as peculiaridades da cultura surda, valoriza a língua de sinais visual, a comunicação em língua de sinais e o bilinguismo. Portanto, identifica a influência cultural do sujeito a partir de sua representação linguística (Costa; Oliveira; Klein, 2021). No Brasil, a história dos surdos foi marcada pela fundação do Imperial Instituto dos Surdos e Mudos, em 1857, por Dom Pedro II, do atual Instituto Nacional dos Surdos (INES), e dos movimentos liderados pelos surdos. Oficializar a língua de sinais. Teve início em 1993 com legislação e regulamentação em nível federal e culminou em 24 de abril de 2002 com a criação da Lei nº 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) (INES, 2022).

Vaaka é uma forma de comunicação e expressão das comunidades surdas no Brasil, assim como uma língua falada, possui uma estrutura gramatical e é

composta por sinais sistematizados que possuem o mesmo valor da fala. Apesar da identificação linguística, a maior dificuldade dos surdos é a comunicação. Ao utilizar o Vaaka como língua materna, o sujeito encontra obstáculos que dificultam seu relacionamento com os ouvintes e o acesso às informações (Silva; Cavalcanti, 2017). O mesmo ocorre com o seu desenvolvimento cultural em relação a fatos sociais como a sexualidade.

A sexualidade é um elemento importante para as pessoas e inclui diversas experiências e emoções como prazer, toque, amor, amor, amor, além de respeito, diversidade cultural e religiosa, valores e relações de gênero. É um conceito multidimensional que inclui sexo, gênero, identidades e papéis, erotismo, intimidade e reprodução (Zompero *et al.*, 2018). A sexualidade está intrinsecamente relacionada ao corpo, e ambos estão rodeados de diferentes experiências sociais, dependendo dos diferentes grupos sociais. O autor descreve o corpo como uma entidade criada por coerção social, onde diferentes significados físicos são culturalmente determinados pelo ambiente social.

A relação entre a sexualidade e o corpo pode ser vista em vários contextos: na expectativa social de excitação diante de determinados estímulos, como os estímulos audiovisuais; na criação de estereótipos de beleza e na padronização dos parceiros em relação ao sexo, altura, idade e relações proporcionais, que influenciam socialmente as escolhas individuais e a formação de estigmas diante das diferenças (Heilborn, 2006).

Portanto, o comportamento sexual se expressa por meio de padrões internalizados durante a vida do indivíduo, adaptando-se ao que a cultura oferece. Desenvolve uma escrita sexual dos sujeitos em relação às suas práticas, que mostra o quando, onde, com quem, como e porquê da atividade sexual. Este processo de técnicas corporais é resultado da educação, da tradição, da transmissão intergeracional e da imitação valorizada, termo que se refere à repetição de ações bem-sucedidas de pessoas em quem se confia e que controlam o indivíduo. É assim que a criança adquire as técnicas que os pais lhe passam (Mauss, 2018). As técnicas corporais organizam-se na consciência do sujeito sob a forma de permissões e proibições num sistema de configurações simbólicas decorrentes do grupo em que estão inseridos.

Dessa forma, os roteiros de gênero são desenvolvidos culturalmente e os comportamentos e práticas variam de acordo com o gênero, as classes, os segmentos

e as fases da vida. Portanto, a descrição do comportamento sexual na sociedade reflete as experiências dos seus membros com a família, amigos, escola e outras redes. Dependendo das fases da vida, a sexualidade começa a aparecer a partir da adolescência juntamente com a percepção da atividade sexual e do uso social do corpo (Heilborn, 2006).

A sexualidade está rodeada pela vida social e o indivíduo é guiado por parâmetros existentes baseados em representações sociais. É um assunto cercado de simbolismo, valores culturais e aspectos biológicos. Nessa ótica, são discutidos problemas biológicos na educação sexual, bem como aspectos psicológicos, sociais, culturais, históricos e econômicos relacionados à sexualidade (Gava; Villela, 2016).

A discussão sobre a sexualidade nas instituições de ensino teve início no século XX, quando a ênfase estava inicialmente no controle epidemiológico e era apoiada pelos pressupostos da moral religiosa e da higiene. O debate político sobre os direitos sexuais e reprodutivos é responsável pelo alcance do conceito de sexualidade. Em relação aos direitos mencionados, destacam-se as conferências realizadas no Cairo e em Pequim na década de 1990. Esses eventos geraram documentos sobre a implementação de políticas públicas sobre direitos humanos, liberdade sexual e divulgação de informações sobre saúde sexual e reprodutiva (Gomes, 2021).

3 METODOLOGIA

Quanto à natureza, este trabalho se configura como sendo de pesquisa aplicada. A pesquisa aplicada concentra-se em problemas das atividades de instituições, organizações, grupos ou atores sociais. Ele se dedica a desenvolver diagnósticos, identificar problemas e encontrar soluções. Responde às necessidades expressas de clientes, atores sociais ou instituições (Thiollent, 2009). Quanto ao objetivo, essa vem ser uma pesquisa exploratória. Gil (1999) considera que o objetivo principal da pesquisa científica é o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias para formular problemas ou hipóteses mais específicas para futuras investigações.

A metodologia adotada neste estudo foi um estudo de caso, com o objetivo de analisar a influência das religiosidades nas identidades sexuais de pessoas surdas. Um estudo de caso não é uma técnica especial, mas uma análise abrangente, tão abrangente quanto possível, que olha para a unidade social estudada como um todo, seja ela um indivíduo, família, instituição ou comunidade, e visa compreendê-los (GOLDENBERG, 2011, p. 33). Para isso, utilizou-se uma abordagem de pesquisa aplicada, visando adquirir um conhecimento mais amplo sobre o tema.

Para a produção de dados para a pesquisa de campo, foi elaborado um questionário com perguntas específicas sobre religiosidade e identidade sexual. Segundo Gil (2011), um questionário pode ser definido como uma técnica de pesquisa que consiste em um número mais ou menos grande de perguntas escritas às pessoas com o objetivo de compreender opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vividas, e assim por diante.

Esse questionário foi aplicado em forma de entrevista a dois surdos de forma presencial na Ufac (Universidade Federal do Acre), onde foi possível contar com o auxílio de um intérprete de Libras. O questionário foi montado na universidade em conjunto com o orientador durante uma tarde, formulamos e reformulamos as perguntas para buscar a melhor forma de colher as informações.

A entrevista foi gravada com o objetivo de registrar as respostas e utilizá-las para as nossas interpretações. Posteriormente, relacionamos as respostas obtidas

aos estudos bibliográficos realizados, buscando identificar possíveis influências das religiosidades nas identidades sexuais dos sujeitos entrevistados.

A princípio, os entrevistados seriam 2 homens (um homossexual e outro bissexual) e 1 mulher (bissexual). No entanto, eles não conseguiriam se deslocar até a universidade por conta de questões pessoais (principalmente relacionadas aos empregos), então eu enviei o questionário em português (Word) e em Libras (vídeo), porém, não obtive resposta. A pessoa bissexual manteve-se, foi a primeira entrevistada (Alice, 21 anos). Convidei a intérprete da própria Ufac pra me auxiliar e fizemos a tradução e interpretação do questionário.

Havia convidado uma outra pessoa surda (lésbica), mas ela tinha negado. Em conversa com a intérprete, ela disse que ia refazer o convite, pois achava de suma importância que essa pessoa pudesse compartilhar a sua vivência, uma vez que possui muitas experiências. Ao receber novamente o convite, feito agora pela intérprete, a pessoa aceitou (sendo a segunda entrevistada, Bianca, 28 anos). Ela foi até a Ufac, onde concedeu a entrevista. As entrevistadas são estudantes da universidade.

Lembrando que os nomes são fictícios, a fim de manter as suas identidades. Dei a oportunidade de elas escolherem os nomes a serem usados. Elas escolheram por gostar dos nomes, apenas, sem nenhum significado maior. Por não se sentirem à vontade com a câmera, para eu não perder tanto as informações eu gravei em forma de áudio a intérprete fazendo a voz das surdas enquanto elas iam sinalizando e respondendo.

O auxílio da intérprete foi para não perder nenhuma informação. Ambas tinham uma relação de proximidade/carinho pela intérprete por ela já ter trabalhado com as duas, por isso o convite e escolha dela, para dar mais conforto. Dessa forma, esperamos que os resultados contribuam para o entendimento da influência das religiosidades nas identidades sexuais de pessoas surdas, proporcionando um maior conhecimento sobre essa temática e promovendo reflexões sobre a diversidade de identidades sexuais e a importância do respeito às diferenças.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pessoas com deficiência auditiva, muitas vezes, possuem poucas informações sobre sexualidade que contribuam para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada, sendo a família e a escola os informantes mais importantes na construção da sexualidade. Envolve relacionar as emoções e experiências aos aspectos biológicos, inclui não apenas os órgãos genitais, mas também as funções afetivas, as formas de sentir, de amar, incluindo todo o comportamento humano.

As primeiras informações sobre a sexualidade são recebidas por meio da interação social, uma troca diária de informações no ambiente familiar e escolar, a priori, na forma como os valores, as normas e os papéis sociais são formados durante a sexualidade, tal como ela é. através da comunicação e do diálogo, que todo o significado orienta todo o comportamento sexual do indivíduo. Na casa do surdo, a comunicação é feita principalmente em Libras – Língua Brasileira de Sinais, que é eficiente e totalmente compreensível para pessoas surdas.

Como todas as pessoas, os surdos possuem sexualidade: flertar, namorar, beijar, fazer sexo, morar junto, casar, ter filhos, etc.; como qualquer outro surdo ou ouvinte. As relações dos surdos são mais fáceis no que diz respeito à convivência, pois possuem uma visão de mundo semelhante; se as experiências forem próximas, um surdo poderá compreender mais facilmente a atitude e o comportamento de outro deficiente auditivo, principalmente se ele participar da comunidade surda (Vainfas, 2014).

Um surdo pertencente a esta comunidade busca seus direitos e o ensino escolar e superior, discute e tenta acompanhar os acontecimentos da sociedade, ou seja, um surdo que frequenta a comunidade surda se informa e troca diversas experiências relacionadas a essa prática.

Ao abordar a sexualidade dos surdos, é necessário resgatar os conceitos teóricos que permeiam esse tema, apesar de algumas definições serem discutidas há décadas. A surdez é definida como a condição normal e não patológica da criança surda, e a falta é sentida apenas de forma mediada e secundária como resultado de sua experiência social refletida. Diz-se também que a linguagem regula a atividade psicológica humana porque é responsável pela estrutura dos processos cognitivos (Bento, 2006).

Supõe-se, portanto, que seja constitutivo do sujeito, pois possibilita interação fundamental para a criação do conhecimento. Surdo é aquele que apresenta perda auditiva, o que o impede de adquirir naturalmente a linguagem falada/auditiva utilizada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade principalmente a partir dessa diferença, utilizando estratégias cognitivas e manifestações culturais diferentes da maioria das pessoas. Eles também moldam e desenvolvem sua sexualidade e a utilizam em seus relacionamentos, assim como todas as outras pessoas com deficiência auditiva e/ou surdas – membros da comunidade surda (Endjso, 2014). Ao realizar a pergunta “Você se reconhece como uma pessoa surda? Desde quando você entendeu que era uma pessoa surda?”, obteve-se as seguintes respostas, indo ao encontro do referido acima:

Alice: Sim. Desde os 4 anos de idade que tive contato com a língua de sinais na escola com uma amiga que sabia Libras.

Bianca: Hoje sim. Tive muita dificuldade de me reconhecer, pois cresci em uma fazenda com ouvintes, oralizava, fazia leitura labial, então não entendia minha diferença. A partir do contato com a Libras e com a comunidade surda, firmei minha identidade.

As pessoas surdas que participam em comunidades e/ou associações surdas abraçam a sua cultura, e as pessoas surdas que participam nessas comunidades adquirem uma identidade surda, ou seja, características específicas, por exemplo: Pessoas Surdas desejam um relacionamento mais íntimo com outra pessoa Surda; seus debates e tratamento teatral das relações, da educação e da visão de mundo dos surdos (Guimaraes; Silva, 2020).

Alguns escritores sobre surdez afirmam que na cultura surda, as pessoas surdas usam a língua de sinais e compartilham crenças surdas entre si e com pessoas não surdas. Confirma-se também que, com base no que foi escrito anteriormente, a definição de surdo foi historicamente influenciada pela tradição médico-terapêutica e posteriormente pela abordagem educativa dos surdos, o que fez com que a experiência da surdez e o desenvolvimento psicossocial e cultural dos surdos passassem por diversas mudanças (Soleman; Bousquat, 2021).

Aprendemos o que nossos cuidadores, seja pai, mãe, tia ou avô, ensinam ou repassam e transmitem para nossa vida social fora da família (Soleman; Bousquat, 2021). Nessa perspectiva, ao serem indagadas se “Você consegue lembrar de momentos em que seus pais falavam sobre o que poderia ou o que não poderia fazer?

Por exemplo, quando chegava uma visita em casa, como deveria ser o seu comportamento de acordo com seus pais?”

Alice: Sim. Sempre fui orientada a ser uma pessoa educada, que tivesse um bom comportamento com os visitantes.

Bianca: Meus pais viviam na roça, e eu sozinha ou ajudando eles, nossos diálogos eram mínimos, não fui muito educada/orientada por eles, comecei a ter certos entendimentos com a ajuda dos intérpretes.

A forma como o sujeito pratica ou percebe essa sexualidade é através dos conhecimentos e experiências adquiridas ao longo de sua vida, se o surdo é reprimido na infância quanto às suas curiosidades, sua sexualidade pode se desenvolver positiva ou negativamente, dependendo da estrutura do surdo, da vida dele, o que construiu no decorrer de suas experiências (Costa, 2003).

Muitas vezes somos motivados a praticar o que aprendemos ou ensinamos pela forma como estão estruturadas nossas relações com os familiares: confiança, carinho, diálogo, medo, incerteza, punições repetidas. Outros autores defendem que a sexualidade se refere às relações humanas, inclui também sentimentos e experiências, bem como aspectos biológicos, mas inclui muito mais do que isso, não apenas os genitais e sexual ou sexual, mas o corpo inteiro, total, real e fantasioso (Vaz, 2003). Nesse sentido, uma das perguntas foi: “Do ponto de vista da sexualidade, como você se define? Você já pensou sobre isso? Desde quando?”, obteve-se as respostas:

Alice: Sou bissexual. Desde 2018 (16 anos), me senti atraída por uma mulher e foi quando comecei a me entender e me reconhecer.

Bianca: Lésbica. Desde a adolescência que foi quando comecei a me atrair por mulheres.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos ao lado de Bento (2005) orienta que os pais devem ser responsáveis pela educação sexual e orientação sexual das crianças surdas, embora isso seja muito raro porque a maioria das famílias são muito pobres, por ex., informações básicas sobre sexo ou a própria reprodução humana, relacionadas a ele, suas próprias experiências traumáticas, tabus e preconceitos decorrentes da desinformação e medos e ansiedades por não saberem como proceder com seus filhos (Ines, 2022).

Não se deve esquecer que o surdo tem uma melhor percepção visual e por isso depende muito mais do comportamento não verbal, pois para o deficiente auditivo

a explicação vale muito mais do que a explicação em si e, portanto, a atitude da pessoa. É muito importante que pais e educadores, por exemplo, aceitem as dúvidas das crianças com calma, sem ficarem aborrecidos e irritados. Sem dúvida, a confusão e as mudanças de expressão obrigam o surdo a se concentrar no que vê, evitando maiores questionamentos posteriormente e concluindo que sexo é um assunto delicado e vergonhoso (Endsjo, 2014).

É evidente que muitos pais têm vergonha ou não querem discutir temas como sexualidade e/ou gênero por medo de despertar o interesse nos jovens, muitas famílias muitas vezes proíbem os seus filhos de verem programas sobre estes temas. Há também pais que consideram alguém que muitas vezes não é a família, amigos e colegas da sua juventude, ou os seus próprios pais, que demonstram confiança no aconselhamento sobre a sua sexualidade (Simões, 2009). Assim, ao pergunta-las se “Você já namorou ou já paquerou ou já foi paquerado por alguém? Se sim, como foi? Como os seus pais viram a questão?”

Alice: Sim, meus relacionamentos se deram com pessoas ouvintes e meus pais sempre foram liberais quanto a isso.

Bianca: Sim. Dos 15 aos 18 anos eles não aceitavam eu me relacionar com alguém. Mas desejavam que eu casasse e construísse família com algum ouvinte na fazenda. Mas eu nunca quis, nunca me identifiquei com essa vida, cheguei a me relacionar com homens, mas sempre senti um vazio, não me entendia e tinha medo dos sentimentos que tinha, vivia angustiada e mal por não poder ser quem sou, tentei suicídio 2 vezes e após isso fiz terapia psicológica, depois desses episódios decidi me “assumir” pros meus pais, inicialmente eles não aceitaram, mas levando em consideração minha saúde passaram por um processo de aceitação.

Compreender a religião não é uma tarefa fácil. É um conceito que contém muita complexidade, pois se refere a um fenômeno enorme e complexo que precisa ser avaliado; a expressão possui muitas interpretações, desde as etimológicas que se referem ao que envolve a união, reencontro entre ser e criador, até compreensões mais amplas que definem a religião como um modo de ser humano, histórico e político.

Outras abordagens entendem a religião como resultado de refinamentos psíquicos, subjetivos e da exclusão da razão. Em abordagens mais objetivas, a religião é entendida como um conjunto de costumes, rituais e sentimentos de determinadas culturas, que oferece oportunidades para organizar a vida da sociedade (Zompero *et al.*, 2018).

A religião é muito importante para as pessoas. Seja qual for a crença, não podemos ignorar o facto de que ela teve uma forte influência no comportamento e,

portanto, na sexualidade humana. É muito útil compreender a sexualidade desde uma perspectiva religiosa e histórica para facilitar a informação sobre seus valores, problemas, medos, conflitos, entre outras coisas.

De muitas maneiras, mas sempre como um tema intensamente contemplativo, a sexualidade desperta interesse nas religiões e é um aspecto importante dos problemas éticos tratados pelos teólogos. Além disso, a religião tem sido um fator determinante na sexualidade humana ao longo da história, ora estabelecendo regras rígidas, ora tentando orientar as pessoas nesta dimensão tão importante da vida (Endsjo, 2014). Nesse sentido, quando perguntadas “Você se reconhece como pertencente a alguma religião? Se sim, como você começou a frequentar o espaço religioso? Teve influência dos seus pais?”, responderam:

Alice: Sim, evangélica. A partir dos 8 anos comecei a frequentar a igreja batista das nações com meus pais e frequentamos até hoje.

Bianca: Hoje em dia acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião. Minha família é católica, fui criada em um lar católico, mas depois comecei frequentar a igreja evangélica (Igreja Batista do Bosque) pelo contato com a língua brasileira de sinais (muitos surdos frequentavam, a igreja tinha intérpretes e fazia o movimento da Libras).

O bom senso diz que do ponto de vista da religião, a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo é um pecado ou um desvio do que é considerado natural. Mas a religião é também uma das fontes mais importantes de socialização: os seus ensinamentos fornecem respostas a questões profundas sobre a vida, e as regras e valores da Igreja mostram modelos de comportamento que ainda são fundamentais para a nossa compreensão. Esta contradição entre a Igreja e a homossexualidade, aparentemente inconciliável, pode tornar-se parte do sofrimento de quem quer viver de acordo com a sua orientação sexual sem renunciar à sua relação pessoal com a fé e o sagrado (Zompero *et al.*, 2018).

A sociedade já avançou e cooperou com aqueles que estão interessados em eliminar os hábitos efetivos que afetam física e/ou simbolicamente as pessoas vulneráveis. No entanto, a diversidade de gênero e sexualidade ainda é vista como “contagiosa” em muitos campos da comunicação, como as escolas e a própria política dos meios de comunicação social, contribuindo para a marginalização dos dissidentes (Endsjo, 2014). Nesse interim, veio a pergunta “Em algum momento você teve algum conflito entre a sua sexualidade e a religião que você segue?”, onde as entrevistadas prontamente responderam:

Alice: Não, sempre fui muito aberta, mas nunca sofri preconceito ou discriminação quanto a isso, talvez ligado ao fato de eu nunca ter tido um relacionamento homoafetivo. Mas a igreja a qual frequento não está tão preocupada com isso, inclusive tenho amigos gays que a frequentam.

Bianca: Sim, muito. Vivia com medo e confusa por não me entender e não entender o porquê estava “errada” e pecando. As pessoas me diziam que eu iria pro inferno e eu acreditava, então vivia angustiada.

A religião sempre esteve relacionada às pessoas, pode-se dizer que é praticamente natural para elas. É uma criação humana, parece a primeira tentativa de explicar o mundo. O homem, que tem que enfrentar o mundo, questiona a sua existência a partir do despertar e da construção da sua consciência e, assim, diante do mistério do mundo, encontra nele a santidade. Sua relação com a natureza é imediata, é fonte de sobrevivência e perigo imediatos (Zompero *et al.*, 2018).

A vida e a morte em si são um grande mistério, por isso o homem primitivo começa a dar um novo sentido ao processo da vida através de perspectivas religiosas, e isso lhe dá sentido e direção. Basicamente, todas as grandes civilizações foram construídas em torno de elementos religiosos complexos. Por exemplo, toda a vida social, econômica, cultural e arquitetônica da civilização egípcia foi moldada pela religião. Pode-se dizer que a tecnologia e a arquitetura egípcias antigas se desenvolveram a partir da religião, que se tornou um elemento unificador e consolidador da sociedade.

Argumenta-se que a vivência da sexualidade possui diferentes significados e contextos dependendo da idade e do grupo populacional. Por isso, muitas religiões atuam durante todo o ciclo de vida, orientando os jovens sobre a iniciação sexual, bem como sobre questões como a companhia dos idosos e o sexo. Além de a religião influenciar a vida, em populações como a população LGBTQIAPN+, o dogma pode causar o desenvolvimento de homofobia internalizada e sofrimento psicológico para pessoas que praticam religião, mas possuem orientação sexual e identidade de gênero e os grupos religiosos não os reconhecem (Zompero *et al.*, 2018).

No entanto, estudos têm demonstrado que pertencer a uma comunidade religiosa é importante para um vasto leque de pessoas, mesmo que esse estatuto religioso não inclua a identidade sexual e a identidade de gênero dos sujeitos (Endsjo, 2014). Sobre o mencionado, foi indagado se “Você considera que a sua religião interferiu/interfere de alguma forma na forma como você se relaciona com os outros?”, de maneira que responderam:

Alice: Não. Sou bem resolvida sobre quem sou e sobre quem Deus é. Não acho que seja pecado, que sou ou estou errada pelo que sinto e faço, e não tenho medo nenhum de ir para o inferno.

Bianca: Sim, me privei por muito tempo de vivenciar experiências por medo. Sai da igreja por isso, não quis mais aceitar opiniões sobre o que eu deveria ser ou fazer, busquei me compreender e compreender Deus de outra maneira. Hoje vivo em paz!

A religião desempenha um papel importante em muitos aspectos da vida daqueles que a praticam, incluindo a experiência da sexualidade. Atravessa gerações e muitas vezes pode ser entendido como um caminho importante para a promoção e o risco para a saúde. Através da moralidade e da orientação, a religião pode atuar como fator de proteção, incentivando a abstinência sexual, o sexo após o casamento e reduzindo os parceiros sexuais.

Contudo, a sexualidade como um todo ainda é considerada um tabu em muitas comunidades religiosas; onde o uso do preservativo muitas vezes não é recomendado e deve-se evitar falar sobre sexo ou sexualidade porque é considerado um assunto íntimo. Por isso é necessário estudar a religiosidade para tratar do tema da sexualidade tanto nos serviços de saúde quanto nos cursos, para compreender o indivíduo a partir de diversas áreas: biológica, espiritual, social; poder oferecer outra intervenção útil de acordo com as necessidades do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, considera-se, de maneira geral, que os objetivos propostos para este estudo foram alcançados, e desta forma espera-se dar uma contribuição ao estudo dos surdos, que também visa colaborar com a religião e os estudos religiosos, especificamente de acordo com as três variáveis estudadas da psicologia da religião (o sentido da vida, a religiosidade e os valores humanos).

Acredita-se que uma pessoa tem a capacidade de superar seu destino, de transformar a dor, a perda ou mesmo uma condição somática em uma vitória pessoal através da compreensão do significado. Neste caso através da capacidade de formar e identificar-se com a cultura, da realização de valores. Assim, a dimensão somática pode ser vista como uma condição que não tira a finalidade da vida de uma pessoa; talvez lhe dê um novo significado, enfatizando a sua dignidade, o seu desejo de significado, a sua liberdade e responsabilidade, a sua capacidade de transcender a si mesmo e transcender o condicionamento.

Ressalta-se a importância da língua de sinais para os surdos, pois do ponto de vista da filosofia educacional, percebe-se que ela foi desrespeitada, proibida e, portanto, prejudicial à educação dos surdos. Os resultados obtidos neste estudo mostraram que os estudos, anteriormente realizados, são importantes no contexto da cultura surda, e as variáveis religiosidade, propósito de vida e valores humanos estão direta e significativamente relacionadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Antropologia e Sexualidade: Consensos e Conflitos teóricos em perspectiva histórica. In Fonseca, L.; Soares, C.; Vaz, J. M. **A Sexologia – Perspectiva multidisciplinar II**, Coimbra: Quarteto Editora, 2003.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual/ Berenice Bento - (Sexualidade, gênero e sociedade) -Rio de Janeiro: Garamond. 2006.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Encontro 2 ... (org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- BUENDÍA. Josefa. Gênero e religião: dimensão política da transgressão. In: ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião**: sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 115-132.
- CAETANO. Marcio, Masculinidades, androcentrismo e heteronormatividade em experiências escolares. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Billig. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: Unipampa, 2011.
- CIRINO, Oscar. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, jun. 2007.
- COSTA, A. L. História da Sexualidade. In: **Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura**, Lisboa, Edição Séc. XXI, 2003.
- COSTA, Aline Corrêa de Barros da; OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; KLEIN, Madalena. Representações sociais de Mulheres Surdas mirienses sobre si: da invisibilidade ao protagonismo. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 26, p. 1-16, 2021.
- ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião**: do baile de virgem ao sexo sagrado homossexual. São Paulo: Geração Editorial, 2014.
- FISHER, Helen. **O Primeiro Sexo**. Como as mulheres estão a mudar o mundo. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências; v. n. 15). 1999.
- GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 24, p. 157-171, 2016.
- GIDDENS, Anthony. **Transformações da Intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Oeiras: Celta Editora, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOMES, Juliana Cesario Alvim. Direitos sexuais e reprodutivos ou direitos sexuais e direitos reprodutivos? Dilemas e contradições nos marcos normativos nacionais e internacionais. **Revista Direito GV**, v. 17, 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GREENBERG, Jerrold; BRUESS, Clint; MULLEN, Kathleen. **Sexuality Insight and Issues**. United States of America: Bown and Benchmark Publishers, 1992.

GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; SILVA, Joilson Pereira da. Surdez e sexualidade: as representações sociais dos discentes surdos. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. 1, p. 125-139, 2020.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006.

INES. **Relatório de Gestão do Exercício de 2021**. Rio de Janeiro, 2022.

KING, Helen. Sowing the field: Greek and roman sexology. In PORTER, Roy; TEICH, Mikulas. **Sexual knowledge, sexual science the history of attitudes to sexuality**. Cambridge: Universidade Press, 1994.

LIMA, Carlos Roberto de Oliveira; RÜCKERT, Fabiano Quadros. A ve(o) z do povo surdo: do historicismo à história cultural. **Revista Primeira Escrita**, v. 7, n. 1, p. 7-19, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora LTDA, 2018.

PAOLIELLO, Gilda, A despatologização da homossexualidade. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antônio Coutinho (Orgs). **As homossexualidades na Psicanálise**: a história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. 392p.

SANTOS, Júlio Cesar. Homossexualidade: do Mito ao Ocidente. In: GOMES, Allen Francisco. ALBUQUERQUE, Afonso de; NUNES, Júlio Silveira. **Sexologia em Portugal**. II Volume. Lisboa: Texto Editora, 1987.

SILVA, Kety Lucy Ferreira da; CAVALCANTI, Sandra Lopes. Comportamento Sexual de Surdos Participantes da Comunidade Surda de Maceió. **Revista Portal: Saúde e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 55-61, 2017.

SIMÕES, Júlio Assis; FACHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOLEMAN, Carla; BOUSQUAT, Aylene. Políticas de saúde e concepções de surdez e de deficiência auditiva no SUS: um monólogo? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. e00206620, 2021.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010. 287p.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiras, 2014.

VAZ, Júlio Machado. Sexualidade e História. In FONSECA, Lígia Maria; SOARES, Catarina; VAZ, Julio Machado. A. **Sexologia – Perspectiva multidisciplinar II**, Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

ZOMPERO, Andreia Freitas. *et al.* A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. **Revista Ciências & Ideias**, v. 9, n. 1, p. 101-114, 2018.

APÊNDICE

1 – Você se reconhece como uma pessoa surda? Desde quando você entendeu que era uma pessoa surda?

Alice: *Sim. Desde os 4 anos de idade que tive contato com a língua de sinais na escola com uma amiga que sabia Libras.*

Bianca: *Hoje sim. Tive muita dificuldade de me reconhecer pois cresci em uma fazenda com ouvintes, oralizava, fazia leitura labial, então não entendia minha diferença. A partir do contato com a Libras e com a comunidade surda, firmei minha identidade.*

2 – Você consegue lembrar de momentos em que seus pais falavam sobre o que poderia ou o que não poderia fazer? Por exemplo, quando chegava uma visita em casa, como deveria ser o seu comportamento de acordo com seus pais?

Alice: *Sim. Sempre fui orientada a ser uma pessoa educada, que tivesse um bom comportamento com os visitantes.*

Bianca: *Meus pais viviam na roça, e eu sozinha ou ajudando eles, nossos diálogos eram mínimos, não fui muito educada/orientada por eles, comecei a ter certos entendimentos com a ajuda dos intérpretes.*

3 – Você já namorou ou já paquerou ou já foi paquerado por alguém? Se sim, como foi? Como os seus pais viram a questão?

Alice: *Sim, meus relacionamentos se deram com pessoas ouvintes e meus pais sempre foram liberais quanto a isso.*

Bianca: *Sim. Dos 15 aos 18 anos eles não aceitavam eu me relacionar com alguém. Mas desejavam que eu casasse e construísse família com algum ouvinte na fazenda. Mas eu nunca quis, nunca me identifiquei com essa vida, cheguei a me relacionar com homens mas sempre senti um vazio, não me entendia e tinha medo dos sentimentos que tinha, vivia angustiada e mal por não poder ser quem sou, tentei suicídio 2 vezes e após isso fiz terapia psicológica, depois desses episódios decidi me “assumir” pros meus pais, inicialmente eles não aceitaram, mas levando em consideração minha saúde passaram por um processo de aceitação.*

4 – Você se reconhece como pertencente a alguma religião? Se sim, como você começou a frequentar o espaço religioso? Teve influência dos seus pais?

Alice: *Sim, evangélica. A partir dos 8 anos comecei a frequentar a igreja batista das nações com meus pais e frequentamos até hoje.*

Bianca: *Hoje em dia acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião. Minha família é católica, fui criada em um lar católico mas depois comecei frequentar a igreja evangélica (Igreja Batista do Bosque) pelo contato com a língua brasileira de sinais (muitos surdos frequentavam, a igreja tinha intérpretes e fazia o movimento da Libras)*

5- Do ponto de vista da sexualidade, como você se define? Você já pensou sobre isso? Desde quando?

Alice: *Sou bissexual. Desde 2018 (16 anos), me senti atraída por uma mulher e foi quando comecei a me entender e me reconhecer.*

Bianca: *Lésbica. Desde a adolescência que foi quando comecei a me atrair por mulheres.*

6 – Em algum momento você teve algum conflito entre a sua sexualidade e a religião que você segue?

Alice: *Não, sempre fui muito aberta mas nunca sofri preconceito ou discriminação quanto a isso, talvez ligado ao fato de eu nunca ter tido um relacionamento homoafetivo. Mas a igreja a qual frequento não está tão preocupada com isso, inclusive tenho amigos gays que a frequentam.*

Bianca: *Sim, muito. Vivia com medo e confusa por não me entender e não entender o por que estava “errada” e pecando. As pessoas me diziam que eu iria pro inferno e eu acreditava, então vivia angustiada.*

7 - Você considera que a sua religião interferiu/interfere de alguma forma na forma como você se relaciona com os outros?

Alice: *Não. Sou bem resolvido sobre quem sou e sobre quem Deus é. Não acho que seja pecado, que sou ou estou errada pelo que sinto e faço, e não tenho medo nenhum de ir para o inferno.*

Bianca: *Sim, me privei por muito tempo de vivenciar experiências por medo. Sai da igreja por isso, não quis mais aceitar opiniões sobre o que eu deveria ser ou fazer, busquei me compreender e compreender Deus de outra maneira. Hoje vivo em paz!*